



A INFLUÊNCIA DO FUNK NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE ADOLESCENTES

Carla Barbosa Santos dos Santos¹
Dr^a. Eliane Santos Leite da Silva²

RESUMO

O presente trabalho baseou-se em estudos sobre o Funk, para poder saber mais sobre a sua origem, sua história, o porquê de ser considerado um estilo estigmatizado pela sociedade, e, assim, entender a sua influência em determinados grupos sociais. Como norte teórico-metodológico tem-se Hall (2006), na perspectiva identitária na pós-modernidade e à luz da Análise Materialista do Discurso, mas precisamente dos estudos desenvolvidos por Orlandi. Este trabalho objetiva discorrer sobre a importância em se conhecer mais sobre o gênero musical e a influência que o mesmo tem na formação identitária desses indivíduos. O corpus examinado foi constituído por um questionário aplicado aos sujeitos envolvidos na pesquisa e por letras de músicas do referido estilo. Percebeu-se no decorrer do estudo que conhecer e compreender o gosto musical desse grupo permite gerar um espaço de discussão e reflexão a respeito dos conteúdos presentes nas letras, além de ser uma ferramenta para ressignificação e criticidade a respeito do tema. No decorrer das análises buscou-se verificar se consideram a influência positiva ou negativa, o que pensam sobre o conteúdo das letras em relação a sexo, drogas, violência, como veem os MCs, as formações discursivas nos dizeres dos sujeitos e os motivos que os levam a gostar tanto do Funk, observando os efeitos de sentido entre o dito e o silenciado.

Palavras-chave: Funk, Adolescentes, Identidade, Discurso.

INTRODUÇÃO

De modo cada vez mais intenso, os adolescentes, nos últimos anos, vêm demonstrando comportamentos e atitudes que demarcam suas identidades, observadas através de diferentes expressões culturais, entre as quais destacar-se-á o gênero musical funk.

O estudo realizado foi pautado numa pesquisa bibliográfica sobre o funk, fundamentada a partir da abordagem de teóricos como Stuart Hall, enfatizando a perspectiva identitária na pós-modernidade; Douglas Kellner (2001), em estudos culturais e a cultura da mídia; Eni Puccinelli Orlandi (1996, 2007, 2009) nas formações

¹ Pós-Graduada em Leitura, Produção Textual e Estudos Culturais pelo Instituto Federal Baiano – IFBAIANO, em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, Docente EB Colégio Viana, Escola São Luís e Substituta EBTT- IFBAIANO, carla_bss@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutora em Letras, Universidade Federal da Bahia - UFBA, Docente EBTT - IFBAIANO elianesleite1@hotmail.com



discursivas e suas condições de produção, além da análise letras de músicas e de um questionário aplicado a alguns adolescentes de 1º ano do Ensino Médio, do Instituto Federal Baiano, campus Governador Mangabeira/ BA, numa faixa etária entre 14 e 16 anos de idade.

O estudo teve por objetivo compreender os fatores que levam os sujeitos envolvidos na pesquisa a gostarem de um estilo estigmatizado pela mídia e identificar se o funk influencia na formação identitária destes e se compreendem de forma crítica as formações discursivas e as ideologias incutidas nas letras.

O sujeito que “curte” esse estilo musical reúne algumas especificidades que são visíveis através do corpo, das roupas, de comportamentos próprios, permitindo-lhe, através dessas representações, ser protagonista, ter um olhar sobre si e sobre o mundo que o cerca. Tem-se como exemplo o adolescente, que apesar de não possuir maior idade, atua sobre o meio como autor de sua própria história. Nesse contexto, o funk, como produto cultural, determina o modo de ser jovem, reforça valores, envolve-o nas representações identitárias, ligadas a um desejo simultâneo de autoafirmação, de liberdade, de inclusão e de resistência.

Os estudos culturais, segundo Kellner (2001), contemplam a interdisciplinaridade como forma de análise dos fenômenos culturais, pois a sociedade, a economia, a política, a história, a comunicação, a literatura, a cultura, antropologia, a filosofia, o feminismo, entre outros, são importantes para a análise. Faz-se necessário ultrapassar as fronteiras entre essas disciplinas, ver o texto, o contexto, a sociedade, a cultura em que o funk está inserido para, assim, identificar a sua influência na formação identitária dos sujeitos.

As letras das músicas aqui analisadas reforçam, o machismo, a imagem da mulher como objeto sexual, a desigualdade de gênero; trazem conceitos e ideologias que, de alguma forma, influenciam comportamentos de uma faixa etária que está em processo de formação de caráter e formações de identidades.

Os discursos ideológicos, impregnados e demonstrados em forma de comportamentos, de valores e crenças, induzem o indivíduo a identificar-se com a ideologia defendida por determinados grupos musicais, não de forma autoritária, mas prazerosa, sem ao menos resistir a algumas manipulações, quiçá por não optar por um senso crítico sobre as formas de segregação sexual, de apologia à violência, ao uso de drogas e a ostentação. As produções culturais, conforme Keller (2001), nascem e



produzem efeitos em determinados contextos. Desse modo, faz-se necessário uma análise mais apurada dessas produções a fim de elucidar, a partir da matriz produtora, seus efeitos e usos na recepção, contemplando a classe, a etnia, o sexo, entre outros aspectos dos sujeitos envolvidos.

No decorrer das análises buscou-se verificar o tempo que levam escutando o estilo, já que são oriundos de uma escola de ensino integral, se consideram a influência positiva ou negativa, o que pensam sobre o conteúdo das letras em relação a sexo, drogas, violência, como veem os MCs, as formações discursivas nos dizeres dos sujeitos e os motivos que os levam a gostar tanto do funk, observando os efeitos de sentido entre o dito e o silenciado.

METODOLOGIA

Os adolescentes tem acesso a inúmeros ritmos musicais e foi observado que o mais escutado entre eles, atualmente, era o funk. A partir disso, surgiu o interesse em desenvolver o presente trabalho através de uma pesquisa bibliográfica e documental com a aplicação de questionário e análise de letras de músicas, para compreender se a formação identitária desses adolescentes sofrem influências dos discursos e das ideologias propagadas no estilo musical.

Surgiu, então, o desejo de analisar o perfil de adolescentes que escutam o funk na escola onde a pesquisadora atuava. Para delimitar a pesquisa, optou-se por um número de 10 alunos³. Estes são discentes do Instituto Federal Baiano, campus Governador Mangabeira – BA, matriculados no 1º ano do Ensino Médio Integrado, sendo um grupo misto, com estudantes dos sexos masculino e feminino, cujo percentual foi de 80% para gênero feminino e 20% para o masculino.

A escolha desse grupo foi feito de forma aleatória. A pesquisadora foi às salas de 1º ano E.M., perguntou quem gostava de funk e se desejariam participar de uma pesquisa. O número de alunos foi alto, porém somente foram considerados os 10 primeiros que chegaram ao local e horário agendado para responder ao questionário. Os sujeitos residem nas cidades de Cruz das Almas, Muritiba e São Félix, todas as cidades pertencem ao recôncavo baiano.

³ As identidades foram preservadas, onde cada participante foi conhecido por suas iniciais e enumerados de 1 a 10 de forma aleatória.



O instrumento utilizado para coleta dos dados foi um questionário, que subsidiou a escolha das letras de músicas para análise mais detalhada, os quais compuseram o *corpus* do trabalho. Dentre as 25 músicas mencionadas, escolheu-se as intituladas *Eu vou pro baile da gaiola*, de MC Kevin e *Vai sentando sem compromisso* de MC Alysson por terem sido as mais citadas.

UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO DO FUNK

O funk, segundo Viana (1987), tem raízes africanas e surge nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940 oriundo do soul, estilo importante que marcou o movimento de luta pelos direitos civis e pela conscientização dos negros norte-americanos, de classes menos abastadas. Já na segunda metade da década de 1960, o estilo perde sua essência revolucionária e passa a ser sinônimo de black music, sendo visto como mais um rótulo comercial. Nessa mesma época, o termo pejorativo *funk*, usado como gíria pelos negros para o sinônimo de malcheiroso, ganha novo sentido e passa ser símbolo do orgulho negro (VIANA, 1987, p.45).

No Brasil, o funk chega ao Rio de Janeiro, na década de 1970, como manifestação cultural advinda dos subúrbios cariocas localizados na Zona Norte, mas os primeiros bailes foram realizados no Canecão, na Zona Sul, região de classe média, com cerca de 5.000 pessoas que iam curtir o estilo Soul de artistas como James Brown. Porém, apesar dos bailes atenderem as expectativas de seus produtores, tiveram que mudar para os clubes dos subúrbios da Zona Norte, pois o Canecão fora transformado em espaço nobre da MPB, segundo Viana (1987).

A partir de 1989, após lançamento do disco intitulado *Funk Brasil*, pela gravadora PolyGram, do DJ conhecido como DJ Marlboro, e com versões de músicas norte-americanas, iniciam festivais para esse gênero musical, influenciados fortemente pelo Miami Bass, que é mais eletrônico, com batidas mais rápidas e letras erotizadas (ESSINGER, 2005).

O fim desta década para o funk também foi bastante turbulenta. Os festivais, que sugeriam para divulgar os talentos deste gênero, potencializavam nos jovens funkeiros a competição e culminava numa agressividade entre os grupos, que resultava em violência nos bailes, e, conseqüentemente, em mortes que passam a ser noticiadas pela imprensa e acaba corroborando o preconceito contra esse estilo. Por conta da rivalidade, as brigas



não se restringiam mais apenas aos bailes, mas alcançava outros contextos e causava horror à sociedade que desconhecia essa disputa entre os grupos. A exemplo, o arrastão em Copacabana, Rio de Janeiro, em 1992, que se torna a principal manchete nos jornais da época (LOPES, 2010).

Desde então, para a opinião pública, a figura do funkeiro passa ser a de marginal e os bailes passam a sofrer inúmeras restrições e/ou proibições. Com essas limitações, para que as festas aconteçam, o funk passa a ser abrigado e apoiado pelos líderes do tráfico nos subúrbios, surgindo assim, o subgênero Proibidão, cujos raps fazem apologia ao tráfico e a seus líderes.

Atualmente, o funk é um dos principais meios para os jovens periféricos expressarem sua realidade e desejos, difundindo essa cultura, principalmente, pelas redes sociais e por canais no *YouTube*. Um dos canais de divulgação do funk e o mais acessado é o KondZilla, com mais de 41.700.000 de inscritos, sendo o maior canal do *YouTube* Brasil, em que muitos vídeos possuem mais de 2 milhões de visualizações. Conforme Hall (2006) percebe-se uma maior mobilidade territorial e cultural, além de uma alteridade entre o centro e a periferia, por conta da diluição das fronteiras percebido através das mídias sociais.

O SUJEITO FUNKEIRO

Como afirma Hall (2006), a identidade do sujeito, na modernidade tardia, é instável, deslocada e descentralizada. O indivíduo não é mais um ser integrado e sim fragmentado, pois não possui uma identidade fixa, uma vez que esta é formada e transformada continuamente pela cultura a qual pertence. Trata-se de um sujeito com várias identidades: de raça, de classe, de gênero, de sexualidade, de etnia, de nacionalidade. Essa multiplicidade, esse hibridismo de identidades não se organiza numa identidade estruturada, intacta, mas em novas formas de representações, que mudam constantemente por influências culturais e estão em constante processo de (re)construção.

O sujeito observado no funk rompe as fronteiras estabelecidas na sociedade como manual de comportamento aceitável em espaços públicos. Antes, as culturas de massa partiam do dominante para o dominado, hoje, se observa uma quebra dessa hegemonia, desse paradigma.



O funk nasce de uma relação genuinamente vivida na periferia, trazendo a realidade imediata de seus artistas e do mundo em geral. Os artistas, em sua maioria, são negros e oriundos de comunidades periféricas. Sua melodia é mais alegre que triste, mais agressiva que melancólica, mais gritada que chorada. O funk revela o cenário de seus locais de origem, revelando que nessas áreas há muito mais que pobreza, marginalidade e criminalidade, também há manifestações culturais.

A identidade do sujeito funkeiro é construída a partir dos grupos aos quais pertence, do seu dia a dia, de sua condição de pobreza, de sua cor, da forma como é visto pela sociedade, como é aceito em sua comunidade, pela forma como se veste, os acessórios que usam, às representações as quais são submetidos, como violência e pré-conceitos, por seu discurso, pela linguagem.

Observa-se que a formação discursiva em músicas do estilo ostentação, por exemplo, incute no adolescente o desejo de possuir o que está fora de sua realidade, provocando em alguns o impulso de adquirir, mesmo que de forma ilícita, para sentir-se mais próximo do ideal de padrão social.

Para Orlandi (2009), discurso é a materialidade específica da ideologia, e língua é a materialidade do discurso. Nesse tripé, língua, discurso e ideologia, depreende-se que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia; o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, fazendo, assim, com que a língua tenha sentido, que haja produção de sentidos através dos discursos entre os interlocutores.

O sujeito discursivo-ideológico na Análise do Discurso é assujeitado e clivado, ou seja, é atravessado por outros discursos. Não há um discurso, mas a formação dele, que pode ser complementada ou modificada de acordo com a postura do indivíduo, isto por ser revestido por uma ideologia (ORLANDI, 2009).

Os sentidos nesses discursos são variáveis e não estão na materialidade linguística, eles são gerados pelas relações entre os sujeitos, por suas representações, pelas vozes sociais presentes no inconsciente e cujas posições que ocupam os levam a produzir sentidos de modos diferentes.

As vozes contempladas no funk são vozes de sujeitos silenciados ao longo da história nas representações hegemônicas. Observar-se, através da AD, que os sentidos produzidos através dos discursos presentes nas letras do funk são interpelados por ideologias, por formações discursivas cujas enunciações são submetidas à língua, à história e ao inconsciente para interpretar a realidade a partir dos já ditos e ditos sobre



dominação masculina, representação feminina, construída historicamente, e sobre sexualidade. Desse modo, o sujeito tem através do interdiscurso o modo de constituir-se ideologicamente adepto ao estilo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas perguntas tratavam sobre se o estilo musical influenciava em algum tipo de mudança no comportamento e se a consideravam como positiva ou negativa. Verificou-se que 90% dos entrevistados acreditam que o estilo musical exerce sim uma influência no comportamento.

Ao serem questionados sobre se consideravam essa influência como positiva ou negativa, sete entrevistados responderam como positiva e dois assinalaram as duas opções.

Os participantes de números 03 e 10, que marcaram as duas proposições como resposta, justificaram os aspectos negativos referentes à pergunta: “Se negativa, quais os aspectos comportamentais que considera negativo?” com as respostas⁴: “*A mudança de pensamento dos homens através das letras*” (participante nº 03) e “*Em alguns casos podem influenciara violência e a banalização do sexo*” (participante nº 10).

Para Orlandi (2009) a ideologia está ligada às posições que o sujeito ocupa nas relações sociais, e no interior das formações ideológicas estão as formações discursivas. Estas últimas dão sentido às materialidades linguísticas, uma vez que a ideologia é o filtro pelo qual o sujeito interpreta a realidade. Desse modo, nota-se que as respostas desses sujeitos identificam as mudanças na forma de pensar do adolescente em relação à violência e ao sexo. O discurso da participante 03 mostra uma formação discursiva, pautada na ideologia de um homem outrora gentil, cuidadoso, amoroso em suas relações sociais e que agora está vinculado a outra formação discursiva, por ser influenciado pela ideologia que demarca a representação do sujeito adepto ao funk como machista e que vê a mulher como objeto de prazer.

Os participantes não consideram o gênero aqui estudado, como sendo inferior, e sim como alegre, de uma “pancada” forte, que anima e, principalmente, deixa-os livre, com uma sensação de que podem fazer o que desejam sem importar-se com críticas, conforme observamos em respostas a pergunta que pedia para descreverem o que

⁴ As escritas foram mantidas em sua grafia original



sentem ao ouvir as músicas e nas respostas dos participantes nº 05 e 06, respectivamente: *“dar uma sensação massa pivete, quando dança um grupo de pessoa todo mundo metendo dança, feliz e não ligando para as criticas”* e *“Uma sensação de libertação, de quando estou tristes e ouso funk eu sou levada através da batida pela qual me faz ter uma sensacional sensação de melhora com relação a minha tristeza.”*

As sensações descritas pelos adolescentes, de maneira unânime, foi a de que o estilo permite-lhes sentirem-se livres, bem alegres. As respostas, no trecho supracitado, mostraram que o discurso de defesa do estilo pela argumentação da “batida alegre”, corrobora com a fala de que é o objeto de desejo é sentir-se livre.

Também pode-se depreender que existem discursos pré-existentes sobre a construção do sujeito mulher que é constituído por padrões impostos pela sociedade e que estas construções mudam de acordo com as ideologias de dada época. Percebe-se na resposta da participante 05, ao dizer *“dar uma sensação massa pivete, quando dança um grupo de pessoa todo mundo metendo dança, feliz e não ligando para as criticas”* que a música influencia na mudança de comportamento a partir dos discursos de que ali não seria um local permitido para mulheres, que os movimentos na dança não seriam o ideal imaginário de mulher bem comportada, já que o sujeito não se importa com as críticas. É perceptível na fala da adolescente o discurso do empoderamento feminino, uma vez que se sente segura para ocupar esse espaço, mostrar sua coreografia. Trata-se de discursos anteriores que vão desencadear os discursos posteriores e estes passam a ter outros sentidos a depender das posições que o sujeito ocupa.

Com os avanços tecnológicos, a internet passou a ser o meio pelo qual o funk é difundido, não havendo controle sobre o que é considerado como permitido e/ou não permitido, e composições outrora consideradas como proibidas tornaram-se “normais” para os adolescentes, uma vez que os discursos que emergem de temas como sexo, violência, vulgarização da mulher são naturalizados para eles. Na pesquisa observou-se que a naturalização desses discursos dá-se, também, pelo tempo que eles escutam as músicas, numa média de mais de 4 horas por dia, todos os dias da semana, o que permite essa familiaridade.

As marcas identitárias dos adeptos ao estilo não se diferenciam de região para região, por conta da internet, na qual os discursos se propagam de forma cada vez mais rápida e atinge um número acentuado de seguidores, e estes mantêm as características difundidas pelas formações discursivas da ideologia do funk, como moda, liberdade e o



desejo de controle, de poder, de forma tão natural, como se não houvesse um preço a ser pago, já que se vive em uma sociedade ortodoxa, repleta de dogmas e princípios de ordenação e classificação.

Na aplicação do questionário, foi perguntado como as músicas tratam o sujeito mulher e constatou-se, nas respostas dos participantes numerados por 1, 3, 4, 5, 8, 9 e 10, a palavra “objeto”, que as letras tratam a mulher como objeto sexual corroborando com as falas o trecho da música *“Eu vou pro baile da gaiola/ Na intenção de fuder”*. Já os participantes 2, 6 e 7 não citaram o termo “objeto”, mas tem-se a mesma ideia como exemplo a resposta das entrevistadas de nº 6 e 2, respectivamente: *“Algumas músicas trazem denegrindo a imagem da mulher, fazendo apologia estupro, bater nas mulheres (agressão). Porém tem alguns funks que não a degridem mas também não as exautam muito, apenas as respeitas.”* / *“algumas músicas degridem a mulher mas as vezes elas só passam o elas convivem.”*

Uma outra questão foi para comentarem sobre a opinião em relação ao tratamento dado a mulher nas músicas. As respostas foram variadas, mas a maioria acha errado, que as mulheres devem ser tratadas com respeito conforme as transcrições: *“errada, pois todas as mulheres merece respeito...”* (p. nº 7) / *“Els só passam muitas vezes o eles passam”* (p. nº 2) / *“Acho meio errada, porque às mulheres tinham que ser tratadas com uma grade maior de respeito”* (p. nº 6).

Chamou a atenção da pesquisadora a resposta do participante 9 que disse *“Acho muito, errado, independentemente de como ela se veste ou age ela merece respeito, e a vida pessoal dela só diz respeito a ela.”* Na ocorrência vê-se o discurso pautado na ideologia de que existe, dentro da memória discursiva da adolescente, uma forma padrão da mulher vestir-se, é o que já foi dito nas instâncias sócio-históricas sobre a moda, local onde os sentidos são constituídos historicamente, ou seja, a memória discursiva materializada através da resposta diz o que é permitido e o que não é através do discurso da moda para os adeptos do funk.

Já a resposta do participante 8 ao falar *“É de forma incorreta, mais do jeito que elas gostam, não agravando a todas”* a ideologia machista, a formação discursiva de mulher objeto, que as músicas retratam o que elas gostam. Percebe-se que os entrevistados até então, sofrem algum tipo de influência na forma de ser, de se comportar e de pensar a partir dos ditos nos discursos observado no trecho da música



“*Tu gosta dos carinha que não presta*” / “*É, vai sentando sem compromisso*” intitulada por *Vai sentando sem compromisso*.

Em relação ao tema sexo, recorrente nas letras das músicas do funk, para alguns entrevistados é visto como algo banal, sem importância; que pode, sim, influenciar algumas pessoas a propagarem a violência sexual; que reforçam o discurso machista de mulher objeto; que considera errado a forma como é tratado, mas é indiferente pois não se influencia; como pode ser visto na resposta do participante 3 que relatou “*A maioria das letras trazem o sexo como uma coisa excecional até mesmo para as crianças e sendo que sexo não é nada disso com isso influencia a violencia contra mulheres*”. Apesar de o sexo ser discursivizado nas letras das músicas como algo essencial, ele observa que há uma banalização do tema, que isso pode contribuir para a violência contra a mulher, além de gerar uma naturalização da prática sexual entre as crianças. Já o participante nº 5 diz “*Vou mentir não eu gosto, Porque para mim a questão do sexo ta sendo normal no dia de hoje*”. Para este o sexo naturalizou-se, observado no enunciado, como também no conteúdo das letras, da relação de músicas citadas por ele no questionário, corroboram para materialidade do discurso posto.

É notório, no conteúdo das letras citadas, o discurso da mulher como objeto sexual, em que o discurso machista da ideologia de que os homens precisam se divertir, que as mulheres são destinadas apenas para o prazer emanam nas formações discursivas presentes nas letras, como no trecho da mais citada: “*Eu vou pro baile da gaiola/ Na intenção de fuder/ Te vejo no baile já chego sarrando/ Do jeito que você gosta/ Eu te deixo excitada /Te levo pro beco e te tacho a piroca/ Toma, toma, toma, toma/ Caralho.*” É presente o teor pornográfico ao usar termos e expressões como “*fuder*”, “*tacho a piroca*”, “*Caralho*”, este último relacionando-se ao órgão sexual masculino, em que há o detalhamento de uma relação sexual de forma grosseira, em um local desprovido de conforto – “*Te levo pro beco*” - numa relação desprovida de sentimentos, mas tão somente para satisfazer ao sujeito homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar discursivamente sobre as questões relativas à maneira de como o sujeito “seguidor” do funk concerne a tais discursos, observado através dos dados analisados, entende-se que, dificilmente, o adolescente em formação de identidade não seja



influenciado pelo intradiscurso, pois não há como dissociar o sujeito do discurso, e não há discurso sem ideologia, porque o sujeito está assujeitado a uma ideologia. O indivíduo pensa ser dono de suas vontades, que as músicas só servem para alegrar, porém estão cada vez mais entrelaçados a esse contexto, cujas influências são vistas em atitudes e comportamentos demonstrados nos discursos e na materialidade linguística das respostas.

A influência na formação identitária dos adolescentes dá-se, muitas vezes, pela forma em que seus representantes musicais se vestem, comportam-se, propagam o que acreditam, e muitos se identificam com essas formações discursivas.

Durante as análises foram percebidas marcas linguísticas, que mostram como os sentidos são construídos e que há um atravessamento ideológico nos discursos presentes, tanto nas respostas do questionário, quanto nas letras analisadas.

O funk foi citado várias vezes pelos participantes como o ritmo que levanta o “astral” cuja batida encaminha a uma sensação de liberdade. E apesar de muitos não se identificarem com as formações discursivas contidas nas letras das músicas das representações do sujeito mulher, do sexo, da violência, mas a predileção musical continua sendo o funk.

É preciso oportunizar aos adolescentes o poder da crítica em relação ao que se é produzido neste gênero, pois um espaço que gere uma discussão e reflexão a respeito dos conteúdos das letras tornar-se-á em uma ferramenta para ressignificação e criticidade desse estilo musical.

Não se pode fechar os olhos, faz-se necessário trazer tais discussões para a sala de aula, por tratar-se de adolescentes, é utilizar-se desse gênero musical como forma de possibilitar novas formações discursivas, para que seja despertado no sujeito que gosta do funk, da heterogeneidade dos discursos presentes nas letras, compreendendo que o modo de constituir os sujeitos acaba sendo influenciado pela música, pois diz os modos de se constituir seguidores do funk, aqueles que gostam e se constituem ideologicamente pelo estilo.

REFERÊNCIAS

ESSINGER, Silvio. **Batidão**: uma história do funk. Rio de Janeiro: Record, 2005.



HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOPES, Adriana. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade**. Campinas, SP : [s.n.], 2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

_____. **Discurso e Leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

VIANA, Hermano P. Jr. **O baile funk carioca**: festas e estilos de vida metropolitanos. Dissertação (mestrado em Antropologia Social – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.